

E QUANDO ACABAR?



ilustra: estúdio massa

act!onaid

SEM CERRADO
ÁGUA
VIDA

LE MONDE
diplomatie BRASIL

Suplemento
especial

Cerrado, berço das águas, na rota devastadora do capital

O bem-estar social e a qualidade de vida devem ser alcançados com estratégias que promovam o crescimento econômico, a equidade social e a proteção ambiental

POR GERARDO CERDAS VEGA E JOICE BONFIM*

O acesso à água potável, ao saneamento e à boa gestão dos ecossistemas de água doce são essenciais para a saúde humana, para a sustentabilidade ambiental e para a prosperidade econômica, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). Contudo, ao redor do mundo, as comunidades estão sendo despojadas dos direitos comunitários à terra e à água, e os mais pobres, especialmente os povos negros, indígenas, as mulheres e as crianças, sofrem impactos desproporcionais que aumentam ainda mais sua vulnerabilidade.

Em 2018, a água estará no centro dos debates e das disputas. No marco do Dia Mundial da Água (22 de março), será realizado em Brasília o Fórum Mundial da Água, o grande evento das corporações que tratam da mercantilização e privatização da água em larga escala e que estarão reunidas numa grande vitrine de negócios para avançar sobre o controle dos recursos hídricos do planeta. Nas mesmas datas e também em Brasília, o Fórum Alternativo Mundial da Água (Fama) reunirá movimentos sociais, organizações comunitárias, povos indígenas e tradicionais, artistas e intelectuais de diversas partes do mundo, que compartilharão experiências sobre a gestão coletiva da água como um bem comum e defenderão o acesso a esse recurso como um direito humano fundamental.

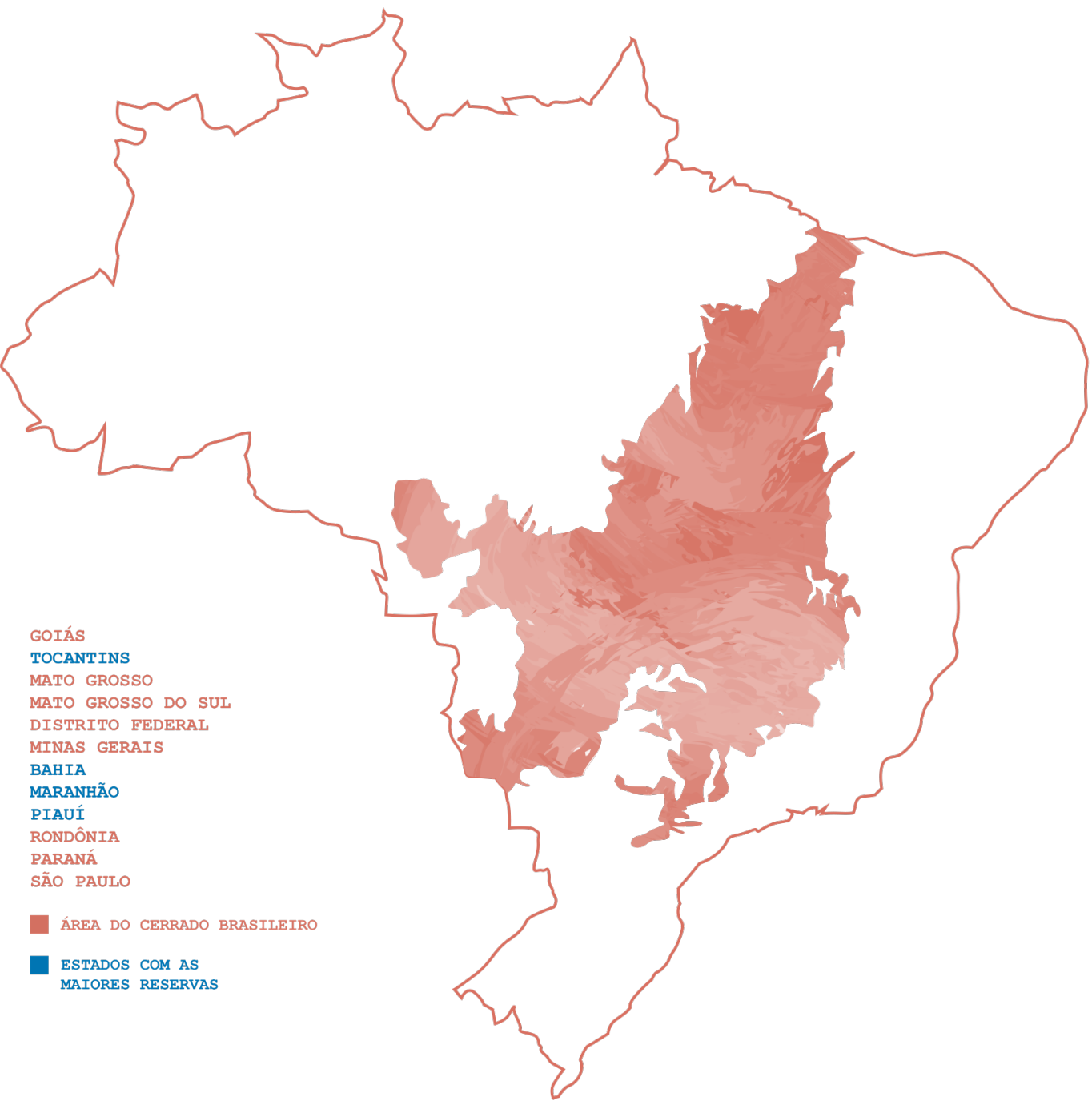
Menos de 1% da água doce existente no mundo encontra-se disponível para os ecossistemas e para uso humano.¹ Esse dado coloca a gravidade da situação que enfrentamos conforme a exploração da água aumenta, especialmente para a produção de commodities agrícolas, minerais, carne e energia em larga escala e para propósitos industriais, mas não para garantir o acesso humano à água e ao saneamento.

A questão central não é a escassez em seus termos gerais, e sim **um processo de exploração intensa e apropriação de águas**,² no qual o recurso vai perdendo seu caráter de bem comum e se tornando mercadoria, um instrumento de acumulação que tem como pressuposto sua privatização. Até os executivos do Fórum Econômico Mundial de Davos tiveram de reconhecer que a agropecuária em larga escala já é a responsável pelo consumo de 70% de toda a água doce disponível no planeta.

Fundos estrangeiros e concentração

O TIAA-CREF é um fundo de pensão privado norte-americano que administra as contas de aposentadoria de cerca de 5 milhões de professores e profissionais da área de serviços sociais nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo, é um dos maiores investidores em terras agrícolas no Brasil e em outras partes do mundo. No Brasil, atua em pleno coração do Cerrado, mediante joint ventures com empresas nacionais como a Cosan e outras que atuam no mercado de terras, visando à especulação fundiária e à produção de grãos, oleaginosas e cana-de-açúcar. A atuação do TIAA-CREF, contudo, é alvo de polêmicas porque estaria acirrando a concentração fundiária em benefício de seus afiliados e investidores, causando grande prejuízo para comunidades rurais, que estariam sendo expulsas de suas terras diante da expansão das lavouras de soja em regiões do sul do Piauí e Maranhão. Há denúncias frequentes de envolvimento em esquemas de aquisição ilegal de terras nessas regiões, documentadas por organizações de direitos humanos, e que carecem de uma apuração mais rigorosa por parte das autoridades. (Fonte: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2018.)

Em outubro de 2016, nos Estados Unidos, a ActionAid, em conjunto com uma coalizão de outras organizações reunindo ambientalistas, agricultores, ativistas de direitos humanos e de defesa da soberania alimentar, lançou uma campanha pedindo ao TIAA-CREF, o fundo de pensão de quase US\$ 1 trilhão, que divulgue todos os detalhes de suas terras agrícolas e assuma um compromisso com uma política contra a apropriação de terra e o desmatamento.



Há que se considerar também a abissal desigualdade existente no consumo **per capita** de água no mundo. Enquanto a média de consumo nos Estados Unidos é de 575 litros por pessoa por dia (l/pd), em Moçambique é de apenas 4 l/pd; na Etiópia, de 15 l/pd; e no Brasil, de 150 l/pd.

A crise hídrica atinge inclusive locais com histórica abundância de água, como no caso da cidade de São Paulo entre 2014 e 2016 e de Brasília, que sofre racionamento de água há exatamente um ano. Mais dramático ainda é o caso da Cidade do Cabo, na África do Sul, que tem previsão de ficar totalmente sem abastecimento de água em poucos meses – o que pode acontecer com todos nós.

O CERRADO EM DISPUTA

Atualmente, o Cerrado, que já conta com cerca de 52% do bioma devastado, é o principal território por onde avança o agronegócio no país e ainda a principal fronteira agrícola para sua expansão, sendo destruído mais rápido do que a Amazônia. O Cerrado perdeu 9.483 km² de vegetação em 2015, um número que equivale a mais de seis cidades de São Paulo e supera em 52% a devastação na Amazônia no mesmo ano.³

As históricas desigualdades no campo foram aprofundadas pelo agronegócio, formando cidades-polo de altíssimo PIB **per capita** (que cresceram, ao passo que o êxodo rural aumentava), porém nas quais a concentra-

ção de terra e de renda, o alto desemprego, a falta de moradia e o precário acesso a serviços públicos deixam os novos **trabalhadores rurais** – grande parte dos quais expulsos de suas terras pelo avanço de latifúndios – ameaçados pela pobreza e pela falta de oportunidades em meio a trabalho sazonal, mal pagos e sem proteção social. O caso de Correntina, na Bahia, cidade que recentemente protagonizou um conflito por água com repercussões nacionais e internacionais, é exemplar: ao mesmo tempo que tem um PIB **per capita** anual superior a R\$ 25 mil, a pobreza atinge 45% da população rural do município e 31,8% da população em geral; o índice de Gini é de 0,927 (muito elevado) e os latifúndios ocupam 75,35% da área total dos estabelecimentos rurais.⁴

O avanço do agronegócio no Cerrado tem se dado principalmente nos locais onde se encontram as nascentes dos principais rios, com a apropriação das águas para irrigação e com intenso desmatamento. Segundo o **Atlas da Irrigação** produzido pela Agência Nacional das Águas, com base nos dados da FAO (ambos de 2017), **o Brasil está entre os dez países com a maior área equipada para irrigação do mundo**. Somente entre 2006 e 2014 houve crescimento de 43,3% da área irrigada por pivôs centrais no país, o que significa **mais de 380 mil ha. Da área equipada por pivôs centrais, 79,1% está localizada no Cerrado** e nas regiões hidrográficas alimentadas pelos aquíferos Guarani, Bambuí e Urucuia.

Por outro lado, também devemos considerar o histórico de apropriação das águas para produção de eletricidade no Cerrado, mediante centenas de projetos de médio e pequeno portes, entre eles as usinas Cana Brava e Serra da Mesa (GO), São Salvador e Luiz Eduardo Magalhães (TO), Estreito (TO/MA) e Tucuruí (PA), o que aumenta a pressão sobre o recurso.

Outra atividade que impacta severamente o bioma é a mineração, principalmente nos estados de Minas Gerais e Goiás, onde a exploração de ouro (que usa o mercúrio para sua extração), fosfato, ferro, amianto, níquel e outros minérios tem rebaixado e contaminado os lençóis freáticos, assoreado os rios, destruído nascentes, córregos e veredas e atingido gravemente a vida das populações locais. Em Goiás, por exemplo, destaca-se a presença das empresas Orinoco Gold, Yamana Gold, Anglo Gold Ashanti, Anglo American, Vale S/A, Votorantim, responsáveis por fazer do território goiano o terceiro maior produtor mineral do país. E o Brasil ainda sangra com a devastação do Rio Doce, que ceifou 21 vidas humanas e despejou dezenas de milhões de toneladas de rejeitos sobre o rio, seus afluentes e no Oceano Atlântico, com dimensões devastadoras incalculáveis.

AS COMUNIDADES TRADICIONAIS E INDÍGENAS DO CERRADO E A ÁGUA

Com fundamento em um ideal de “eficiência” e “proteção”, transferir a gestão da água para o mercado e agentes privados individuais é um dos objetivos da política privatista dos recursos hídricos. Como a expansão do agronegócio, da mineração e das hidrelétricas se dá sobre territórios previamente ocupados e utilizados por povos indígenas e comunidades tradicionais, a apropriação intensiva da terra e da água no Cerrado tem atingido duramente

O Cerrado, berço das águas

A água do Cerrado é essencial para a sobrevivência de toda sua biodiversidade, para o bem-estar de seus habitantes e para o funcionamento de sua economia. A água a jusante¹ do Cerrado é também essencial para a ecologia de todo o Pantanal nas fronteiras da Bolívia e do Paraguai. Outros ecossistemas ao longo dos rios São Francisco, Parnaíba, Paranaíba, Paraguai e Paraná também dependem da água proveniente de fontes do Planalto Central. Além disso, todos os afluentes do sul da Amazônia: Guaporé-Madeira, Teles Pires-Tapajós, Xingu e Araguaia-Tocantins (exceto o Juruá e Purus) têm suas fontes no Cerrado, da mesma maneira que vários rios no Maranhão e no Piauí (Grajaú, Mearim e Parnaíba). Ao todo, cerca de 70% do Brasil recebe água de superfície ocupada pelo bioma Cerrado. O Cerrado contribui com 90% das águas do Rio São Francisco e com 73% das águas do Prata. Mais de 50% da energia produzida no país é gerada pelas águas do Cerrado. As bacias hidrográficas que têm origem no Cerrado abrigam cerca de 40% da população brasileira e parte da população da Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Além disso, o Aquífero Guarani, segundo maior reservatório subterrâneo de água no mundo, que abrange 1.200.000 km² em áreas densamente povoadas do sudoeste do Brasil e se estende ao Paraguai, Argentina e Uruguai, é alimentado por águas do Cerrado e essencial para o abastecimento hídrico em grande parte da região Sudeste do Brasil.

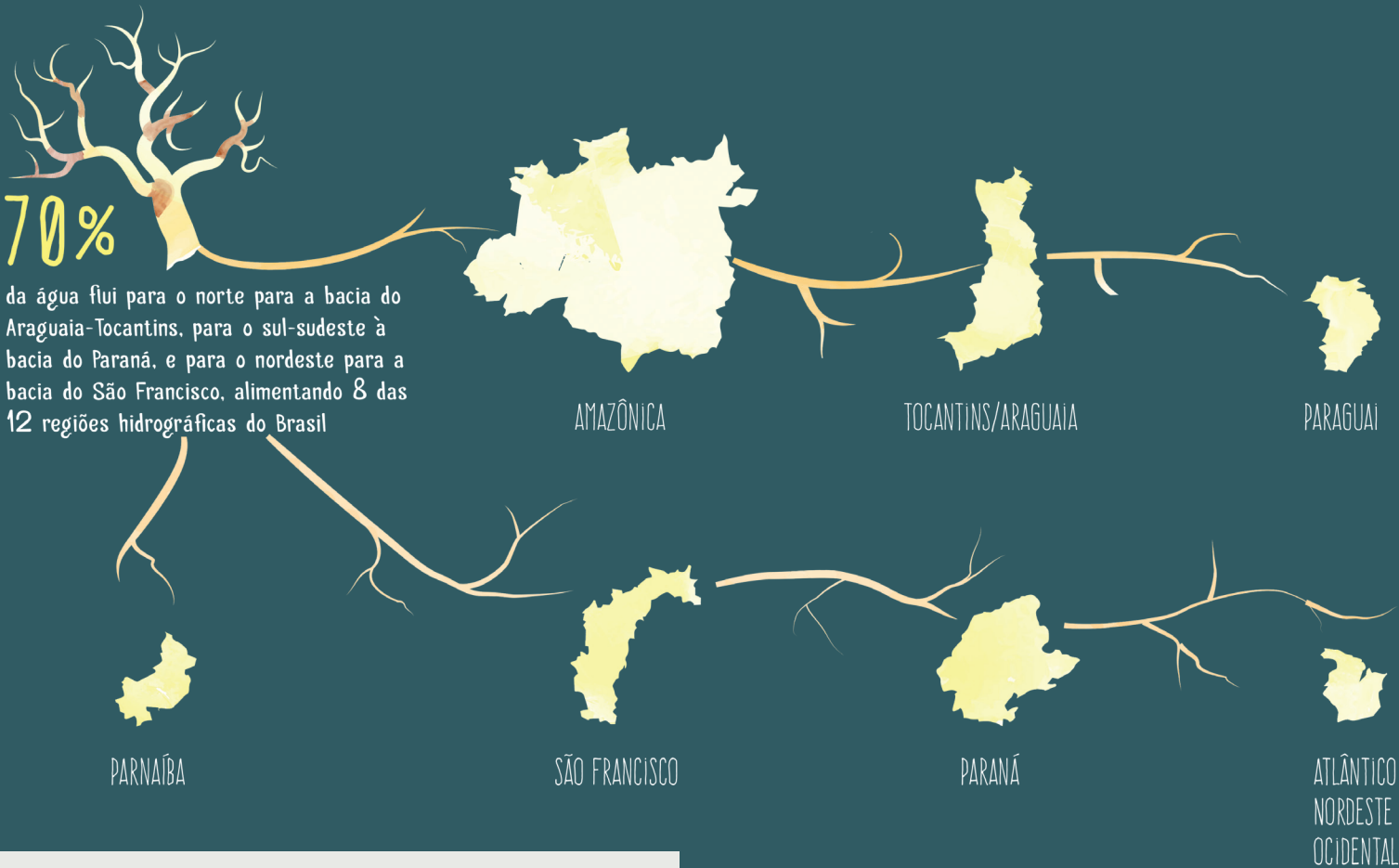
1 Tudo que está abaixo de determinado ponto de referência, descedendo a correnteza, diz-se que se situa “a jusante”.

Fonte: CEPF, 2017.

essas populações e seus territórios. Atualmente, esse bioma tem se configurado como o segundo com maior densidade de conflitos por terra/água no país, só atrás da Amazônia.

Esses processos de privatização dos bens comuns e expropriação atingem especialmente as mulheres e seus direitos de uso da terra e das águas. **As mulheres desempenham um papel fundamental na gestão comunitária das águas** e, com essa relação autônoma ameaçada, resta-lhes lidar com poucos recursos para tratar e alimentar as crianças, enfermos e anciãos, bem como cuidar da rotina e higiene da casa e das hortas e sistemas agroflorestais, tarefas que foram a elas destinadas em decorrência da desigualdade histórica das relações de gênero.

É importante ressaltar, entretanto, que os povos indígenas, quilombolas, geraizeiros, ribeirinhos, vazanteiros e outros que vivem esses processos



Comunidades impactadas pela captura das águas no Cerrado

Em setembro de 2017, uma missão internacional composta por trinta representantes de movimentos sociais e organizações de direitos humanos e desenvolvimento percorreu 2 mil km através dos municípios de Santa Filomena e Gilbués, no sudeste do Piauí, visitando as comunidades de Melancias, Baixão Fechado, Sete Lagoas, Brejo das Meninas e Santa Fé, para entrevistar seus habitantes e coletar testemunhos. Os moradores das comunidades sofrem de diminuição dos recursos hídricos como resultado do desmatamento e dos altos níveis de poluição agroquímica, o que lhes causam também graves problemas de saúde. Isso é desencadeado pela invasão de suas terras tradicionais por apropriadores de terra (conhecidos como “grileiros”), que reduziram a vegetação natural e falsificaram títulos de terra para revendê-la ao agronegócio. Em todas as visitas, que ocorreram no sul do Piauí, a equipe encontrou indícios claros de que a degradação ambiental está colocando o direito à alimentação, à água e à saúde das comunidades em grande risco.

Fonte: Fian, 2017. Disponível em: <www.fian.org/en/news/article/caravana_matopiba_uncovers_alarming_human_and_environmental_costs_of_agribusiness/>.

constantes de expropriação de suas terras, águas e territórios e convivem com mudanças constantes e violentas na dinâmica social que historicamente construíram continuam resistindo, afirmando seus modos tradicionais de vida, de guardiões dos recursos naturais – sobretudo das águas – por meio da lógica dos bens comuns.

ALTERNATIVAS PARA O USO SUSTENTÁVEL DA ÁGUA NO CERRADO: AS PRÁTICAS DAS COMUNIDADES

Os sistemas agrícolas, pastoris e extrativistas dessas comunidades tradicionais do Cerrado são, em geral, pouco conhecidos e valorizados. Práticas como a agricultura itinerante de corte e queima, de vazante e de irrigação em pequena escala; a pesca e a caça; o conhecimento e uso das espécies vegetais e a criação de gado solto em áreas comuns são parte das estratégias de produção e reprodução das comunidades cuja viabilidade socioeconômica envolve um manejo sustentável da água e da terra, alinhado com os princípios da agroecologia.

A gestão sustentável das águas realizada pelos povos do Cerrado se baseia em seus próprios usos tradicionais e é voltada para a reprodução física, econômica, social e cultural da comunidade. Por exemplo, açudes, canais comunitários de irrigação (regos), produção diversificada de alimentos e mutirões compõem o repertório das práticas tradicionais de uso e gestão das águas das comunidades do Vale do Rio Arrojado, no oeste da Bahia.



O conflito em Correntina

Recentemente, o município de Correntina (BA) foi palco de um conflito emblemático de disputa em torno do uso e da apropriação das águas. No dia 2 de novembro de 2017, cerca de mil pessoas realizaram uma grande manifestação na Fazenda Igarashi, localizada no distrito de Rosário, com o intuito de denunciar a intensa captação de águas que a referida fazenda realizava no Rio Arrojado e o descaso do poder público diante dos impactos históricos que os recursos hídricos vêm sofrendo na região em razão das atividades do agronegócio. A empresa detém outorga desde 2015 e está autorizada pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia (Inema) a captar 106 milhões de litros diários para irrigação de 2.539,21 hectares, o que equivale a cerca de 35 vezes o consumo diário de água de toda a população de Correntina.

Fonte: CPT, 2017.

A construção dos regos é uma prática essencial para a reprodução econômica, social e territorial dessas comunidades, sendo fundamental para os períodos com baixa intensidade de chuva e para a diversificação da produção, já que com eles é possível produzir diversidade de frutas, verduras e legumes e fornecer água para animais de pequeno porte.

Os povos e comunidades do Cerrado também têm papel fundamental na recuperação e preservação das nascentes, muitas vezes degradadas pelo agronegócio. Recuperar uma nascente seca ou quase seca, ver a água jorrar novamente e dar vida às matas ciliares. As iniciativas de recuperação de nascentes são inúmeras nesse bioma e em alguns locais fazem até parte das aulas escolares.

Essas tecnologias comunitárias de uso da água são encontradas em todo o Cerrado. No entanto, essas práticas estão sendo permanentemente ameaçadas, o que motiva as ações de resistência das comunidades.

O oeste baiano registra o maior número de conflitos no período de 1985 a 2016 em nível nacional. Somente entre 2002 e 2015 houve 23 conflitos nessa região, dos quais 19 (82,60%) aconteceram após 2008. O município de Correntina se destaca com 41 conflitos nos últimos 32 anos, sendo líder em reincidências.⁵

CONCLUSÃO

A imensa riqueza social e natural do Cerrado está ameaçada de se perder. No ritmo atual de devastação, o bioma como tal pode desaparecer para sempre já em 2030.

As consequências socioambientais desse processo são dramáticas e ainda serão mais, como diversos analistas e organizações sociais vêm alertando, caso não seja feito um esforço articulado para impedir que essa expansão para a produção de commodities continue nos moldes de violência, predação e empobrecimento que a tem caracterizado.

A Campanha Nacional em Defesa do Cerrado “Sem Cerrado, Sem Água, Sem Vida”, que reúne uma expressiva rede de organizações sociais pela defesa do Cerrado e de seus povos, tem no ar uma petição recolhendo assinaturas para a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional n. 504, que reconhece os biomas Cerrado e Caatinga como patrimônios nacionais, como são a Amazônia, o Pantanal e a Mata Atlântica.

A Campanha também tem ampliado o debate acerca da garantia dos direitos territoriais das comunidades indígenas e tradicionais do Cerrado, por entender que esse é o primeiro passo para a conservação do que resta do bioma e de seus recursos hídricos fundamentais. As comunidades que vivem no Cerrado praticando por gerações formas de gestão comunitária e descentralizada baseadas no uso coletivo e sustentável do bem comum são fundamentais para garantir a escala necessária para a conservação da biodiversidade do Cerrado e a manutenção dos ciclos de carbono e água.

Uma importante bandeira da campanha e dos povos e comunidades do Cerrado é que haja efetiva democratização da água, sendo **tratada como um direito humano e um bem comum**, e não como uma mercadoria. É urgente que esse debate seja feito de modo a impedir que a devastação do Cerrado continue a todo vapor, sem que a sociedade brasileira e global nem sequer saiba tudo o que está em jogo para seu futuro.

***GERARDO CERDAS VEGA**, sociólogo, é analista de políticas e programas da ActionAid no Brasil e membro da coordenação da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado; **JOICE BONFIM**, advogada, é membro da AATR-BA e integrante da Campanha Nacional em Defesa do Cerrado.

A Campanha Nacional pela Defesa do Cerrado: sem Cerrado, sem água, sem vida

A campanha Sem Cerrado, Sem Água, Sem Vida é promovida por mais de cinquenta organizações, movimentos e entidades sociais. Esse grupo, em sintonia com povos e comunidades do Cerrado, tem olhado com preocupação para o bioma, que tem sofrido ações devastadoras nos últimos tempos, assim como as pessoas que vivem nesse território. A campanha pauta e conscientiza a sociedade, em nível nacional e internacional, sobre a importância do Cerrado e os impactos dos grandes projetos do agronegócio, da mineração e de infraestrutura; dá visibilidade à realidade das comunidades e povos do Cerrado, como representantes da sociobiodiversidade, conhecedores e guardiões do patrimônio ecológico e cultural dessa região; fortalece a identidade dos povos do Cerrado, envolvendo a população na defesa do bioma e na luta por seus direitos; e mantém intercâmbio entre as comunidades dos cerrados brasileiros com as comunidades de Moçambique, na África, impactadas pelos projetos do Programa Pró-Savana. A campanha é secretariada pela CPT, Cimi, Contag, Caritas, ISPN e ActionAid. Saiba mais em: <www.semcerrado.org.br>.

A ActionAid é uma organização internacional que trabalha por justiça social, por igualdade de gênero e pelo fim da pobreza. Fundada em 1972, está presente em 45 países, alcançando mais de 15 milhões de pessoas no mundo. No Brasil desde 1999, atua em mais de 2,4 mil comunidades e beneficia mais de 300 mil pessoas, trabalhando em parceria com comunidades e organizações locais em projetos de educação, agroecologia e clima, igualdade de gênero e participação e democracia. Desde 2016 atua na Campanha Nacional em Defesa do Cerrado. Saiba mais em: <www.actionaid.org.br>.

A Associação de Advogados de Trabalhadores Rurais no Estado da Bahia (AATR) é uma associação civil sem fins lucrativos e econômicos, fundada em 1982, com base territorial em todo o estado da Bahia. Tem por finalidade prestar assessoria jurídica popular às organizações e movimentos populares no estado, com especial atenção aos trabalhadores rurais. Saiba mais em: <www.aatr.org.br>.

- 1 De toda a água do planeta, 97,5% é salina. Do restante, cerca de 70% conserva-se em geleiras. Assim, menos de 1% do total da água doce está efetivamente disponível para uso humano e para a continuidade da vida no planeta como um todo.
- 2 O consumo real de água permanece invisibilizado porque não considera o consumo indireto, pela indústria e o agronegócio, por exemplo. Assim, um único quilo de carne bovina demanda 15,5 mil litros de água para ser produzido e comercializado. A produção de um smartphone consome em torno de 12.760 litros de água, e uma calça jeans, 10.850 litros.
- 3 Observatório do Clima. Disponível em: <www.observatorioclima.eco.br/desmate-no-cerrado-supera-o-da-amazonia/>.
- 4 Oxfam. Disponível em: <www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio-terre-nos_desigualdade-brasil.pdf>.
- 5 Tássio Barreto Cunha, Do oculto ao invisível: terra-água-trabalho e o conglomerado territorial do agro-hidronegócio no oeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista. Tese de Doutorado, 2017.

VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR O QUANTO
DO CERRADO JÁ FOI DESMATADO?

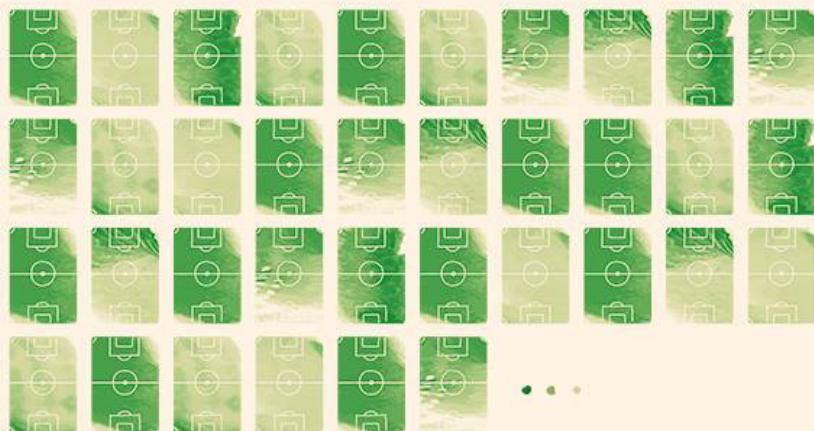


BOLA FORA!

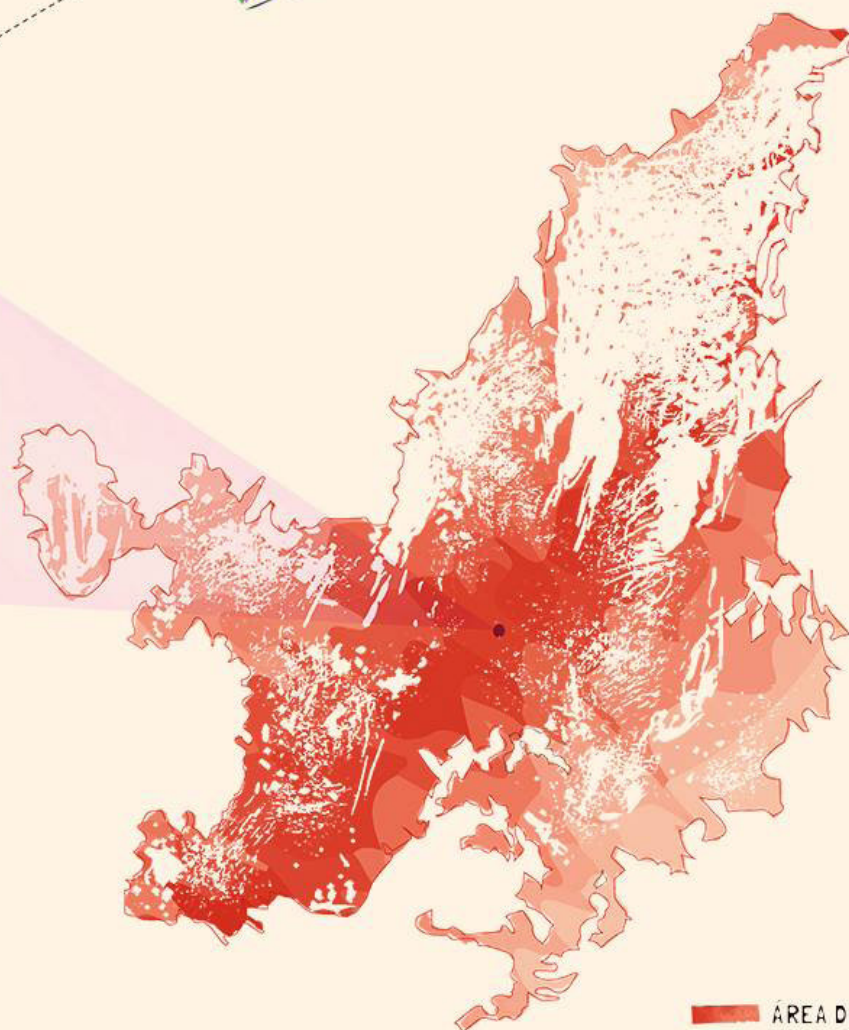
105,872
MILHÕES

Campos de Futebol

É o equivalente à área de
vegetação original perdida ao
longo do processo de desmatamento



f/massaestudio



Assine a petição e ajude a proteger as áreas
que restam antes que seja tarde demais!

www.change.org/patrimoniocional

SEM CERRADO
ÁGUA
VIDA